



Editorial

Pensar é uma espécie de exercício responsável que não pode ser omitido neste momento que vivenciamos e partilhamos. Por isso, cultivar boas reflexões depende, por um lado, da capacidade técnico-acadêmica de pesquisadoras e pesquisadores e, por outro, da maneira como conduzem o seu horizonte filosófico diante de um quadro de perspectivas e desafios. Assim, a produção filosófica não precisa de *milagres* para compreender a *natureza*, como afirmará Espinosa, mas de uma aliança entre liberdade e razão.

É neste sentido que o presente número da Aurora contempla o dossiê “Atualidade da Filosofia de Espinosa: Matéria e potência”, organizado pelos professores Ricardo Espinosa Lolas e Eladio Craia.

Segundo os próprios professores, “Adorno escreveu, faz muitos anos, um pequeno texto sobre a “atualidade da filosofia” e com isso repensava através de uma crítica à fenomenologia, esta nova filosofia chamada de Teoria Crítica. O presente prólogo, bem como o dossiê que precede, procuram repensar sob o prisma dos acontecimentos de nossos dias como a filosofia de Baruch Espinosa se mostra hoje mais atual do que nunca. É isto que se expõe nesta edição monográfica da *Revista Aurora* em torno do pensamento de Espinosa, seus conceitos fundamentais e o diálogo que os mesmos mantêm com problemas urgentes de nossa contemporaneidade.

A filosofia de Espinosa não apenas está presente “nas filosofias”, de modo histórico exegético, inclusive de pensadores antagônicos como, por exemplo, Hegel e Deleuze, (igualmente em Althusser, Zubiri..., uma extensa lista de nomes), mas, de igual modo, nos campos mais abrangentes do *metier* filosófico, como na estética, na teoria política, na filosofia da natureza e, com o mesmo vigor, nas reflexões da teologia e das

ciências sociais, entre outros âmbitos do pensamento. Agora bem, esta filosofia está tão presente em virtude de, pelo menos, dois traços fundamentais que se mostram como nevralgicos no pensamento contemporâneo, a saber, 1. O plano imanente: a matéria e, 2. A potência, a afirmação de sim.

Em todos os artigos do presente dossiê, como os/as leitores/as poderão verificar, estes dois traços centrais aparecem, de modos diversos, às vezes oblíquo, mas ubíquo. Ao mesmo tempo, os textos aqui reunidos atualizam permanentemente a voz de Espinosa e, deste modo, se tornam parte do diálogo com pensadores atuais e os problemas que eles expressam nas configurações sociais presentes, desde a problemática do feminino, passando pela configuração de um modo de pensar o político, até as concepção da arte em Zubiri e, inclusive, o abandono das escolas no sistema público de ensino do Chile. Em todos estes casos, os operadores conceituais de Espinosa estão presentes para configurar o diapasão com o qual assumimos filosoficamente estas questões.

Num sentido mais específico o que acontece com a concepção espinosiana da materialidade, a qual sempre retorna jovial, e se apresenta como totalmente atual para responder aos desafios de nossos dias? Em Espinosa, para dizê-lo de modo provocativo, reconhecemos o fim da concepção filosófica aristotélico-tomista do hilemorfismo, que tinha se constituído no horizonte de maior envergadura para a compreensão da realidade: o Homem, a Natureza e Deus, isto é, a arquitetura básica da *civitas* cristã europeia. Com Espinosa aparece, para dizê-lo com um leitor contemporâneo, o plano de imanência, e com ele, uma certa “democracia” da realidade; uma certa articulação entre as distintas regiões da realidade, ontologicamente unívoca e, com isso, também um novo modo de compreender a diferença sem uma transcendência que a separe dos existentes, de qualquer natureza. Nem o Homem separado da Natureza e de Deus; nem Deus separado do Homem e da Natureza e nem a Natureza separada do Homem e de Deus. Isto implica, brincando com o campo significante, que poderíamos dizer que, com Espinosa, nos defrontamos com a articulação: “homem-natureza-deus”; e todos estes termos necessariamente escritos

com minúsculas. É neste ponto que radica uma das forças do pensamento de Espinosa que, como diria Schelling, nunca se tratou de um “panteísmo”, senão de uma outra coisa que demandaria uma nova categoria, que o filósofo nomeou como “cosmoísmo. Esta categoria que, embora saibamos que hoje se apresenta como problemática e questionada por certa recepção crítica de Espinosa, ainda expressa a singularidade da filosofia do autor, se entendida como plano de imanência da própria materialidade.

É nesta perspectiva que não faz sentido pensar a realidade em termos de forma e matéria, onde a primeira implica a ativação e realização efetiva da segunda, (isto é, a formulação básica do ato e potência ou do possível e real). Se quiséssemos pensar nesses termos filosóficos, o que encontramos em Espinosa é uma forma de matéria em si mesma formal, isto é, a matéria não é passiva, mas, ativa em e por si mesma. É por este motivo que Espinosa poderá dizer com absoluta rigorosidade que não há ideia sem corpo nem corpo sem matéria e, sobretudo, poderá dizer isto sem que esta afirmação implique uma distinção ontológica que organize uma transcendência, mas, pelo contrário, como prova cabal da imanência. Este traço próprio e central da ontologia de Espinosa tem profundas consequências tanto na ética quanto na política, (para não citar a teologia); talvez seja por este motivo que “ninguém o queria”. Com efeito, nem os judeus de sua época e da sua Amsterdam, nem os cristãos donos da Europa podiam confiar nele; para todos, sempre suspeito de heresia, enquanto se atreveu não apenas a afirmar a imanência mas de afirmar que nós, filósofos, “não sabemos ainda o que pode um corpo”. Por isso a excomunhão da sinagoga de seu tempo, por isso o silêncio Heidegger, o ontólogo por antonomásia do século XX, preferindo falar explicitamente de Espinosa em pouquíssimas oportunidades ao longo de seus cursos e, quando a visita ao holandês se torna necessária de modo mais direto, o filósofo de Freiburg recorre a Schelling. Este gesto manifesta, mais uma vez, a importância de Hölderlin, Schelling e Hegel na história da atualização da leitura de Espinosa em tempos em que era considerado um pensador menor e maldito. Em Espinosa, a pluralidade do imediato ou daquilo que aparece, isto é, homem, natureza e deus, encontra-se mediatizada pela própria potência da matéria. Ela é a base das mediações que permitem a expressão em termos de atributos e modos.

Encontramos aqui o segundo traço central do pensamento de Espinosa: a potência. Essa forma de afirmação que quer preservar, como diria mais adiante Nietzsche, “apesar de”. Nas próprias formas da negatividade que se dão na realidade, acontece sempre esse Sim de pura afirmação, de afetivo, corporal, ético, político, com potência para diluir todas as narrativas religiosas que organizam uma transcendência punitiva torpe, ideológica e politicamente dominante, baseadas numa configuração metafísica pensada a partir de Deus, da Natureza e do Homem. Tudo isso parece cair ante a potência de Espinosa. É neste sentido que Nietzsche primeiro, Deleuze e Zubiri depois, sejam pensadores formalmente espinosianos e, por este mesmo motivo, é possível entender o potente e vertical lema do jovem Hegel, antes das duvidosas críticas na sua maturidade filosófica: Ou Espinosa, ou nenhuma filosofia!

Essa potência enquanto *conatus*, expressão de sim, manifesta outro modo de coordenação entre homem-natureza-deus e, por isso mesmo, da cidade: da “cidade de Espinosa”. Para que esta potência expressiva e afirmativa não seja apenas um postulado, a força da filosofia espinosiana se enraíza concretamente na rigorosidade dos conceitos, deixando claro que a força afirmativa não é apenas do Ser ou da Natureza, mas, também, e de igual modo, dos atributos e dos modos, ou seja, das coisas singulares, ínfimas, com as quais habitamos e coabitamos (poderíamos lembrar aqui outro diálogo maior com Hegel). Sob este prisma, sua cidade é aquela que se expressa por todas partes ou, para dizê-lo mais exatamente, aquela que busca sua expressão por todas partes, desde Valparaíso a Berlim, passando por milhares de cidades de diferentes latitudes, decretando assim, a impossibilidade da cidade medieval de Deus, mas também da polis grega e, sobretudo, da urbe capitalista europeia moderna, ou a fazenda latino-americana permeada de peões e inquilinos. Hoje é tempo de outro tipo de cidade, que configure um plano de imanência como horizonte do acontecer da potência da vida nas suas diferenciações materiais e ideais, na qual seja possível pensar com uma forma de vida que não esteja organizada por algum plano transcendental ou ontológico que procure verticalmente articular a dominação de uns sobre os outros no seio do desfalque capitalista.

Finalmente, agradecemos à prestigiosa *Revista Aurora* por confiar na necessidade e na qualidade deste conjunto de pesquisas que expõe como hoje o pensamento de Espinosa continua presente e sendo ferramenta de primeira ordem para pensar o que acontece e, por esta via, propor algumas respostas em tempos complexos, entre globalização, capitalismo, miséria e pandemia”.

O Fluxo Contínuo, por sua vez, dispõe dos artigos “Fantasised alterity, inaudible voices. Notes for a critique of the coloniality of desire”, de Jorge Polo Blanco; “El Estado Intensivo de Gilles Deleuze”, de Julián Ferreyra; “Nietzsche e a mnemotécnica: do sofrimento à afirmação da vida pelo artista da dor”, de Adilson Felício Feiler; “The role of sense of justice in Rawls’ theory”, de Pablo Aguayo Westwood; “Paradigms in Action”, de Paulo Pirozelli e, por último, “É possível filosofar com Heidegger após as confissões nos Cadernos Negros?”, de Luiz Rohden.

A *Aurora* também apresenta, ao final, as resenhas das obras “Aporías de la Democracia”, obra coordenada por Ricardo Espinoza Lolas e Jordi Riba, assinada por Angélica Montes Montoya, e “Hegel and Espinosa: Substance and Negativity”, de Gregor Moder, realizada por Eladio Craia e Arion Keller.

Agradecemos a todos/as pela colaboração, em especial aos organizadores, autores/as e à Editora PUCPRESS.

PROF. DR. CESAR CANDIOTTO – PUCPR

PROF. DR. LÉO PERUZZO JÚNIOR – PUCPR

PROF. DR. ANTONIO R. VALVERDE – PUCSP

Editores

PROF. DR. RICARDO ESPINOSA LOLAS – PUC CHILE

PROF. DR. ELADIO CRAIA – PUCPR

Organizadores